
AJUDANDO OS RICOS E

PREJUDICANDO OS POBRES ⁽¹⁾

Sebastian Mallaby⁽²⁾

A seguir, mostraremos algumas razões pelas quais os EUA têm um problema de imagem nas nações pobres do mundo.

Aproximadamente 2,8 bilhões de pessoas subsistem com menos de US\$ 2 por dia. Nós, aqui no mundo rico, pregamos que a maneira dessas pessoas se livrarem da pobreza é através de muito trabalho. Mas, enquanto fazemos esse discurso, impomos as maiores taxas de importações precisamente nos produtos que os países pobres do mundo têm vantagem comparativa: produtos agrícolas e manufaturados de baixa tecnologia.

Em virtude dessa discriminação, o trabalhador médio do terceiro mundo sofre um nível de taxaço duas vezes mais elevado que o trabalhador médio dos países industrializados, de acordo com o Banco

Mundial. É como se penalizássemos os trabalhadores americanos que ganham salário-mínimo com um imposto de consumo duas vezes maior que o que incide sobre os demais trabalhadores.

O maior setor de manufaturas de baixa tecnologia é o setor têxtil. Bem, o mundo rico penaliza a entrada de produtos têxteis não apenas com altas tarifas de importações mas também com quotas. A quota é uma forma dos países ocidentais proibirem a expansão das vendas desses produtos em seus mercados, numa cultura que supostamente preza, acima de tudo, o sucesso através de muito trabalho e a competição.

Se Sam Walton (dono da WALMART) vende muito, ele é um herói americano. Se um trabalhador paquistanês de uma fábrica de camisas vende muito, ele viola as leis americanas.

Os produtores agrícolas mais pobres do mundo, que se ressentem da falta de sementes melhoradas, equipamentos modernos e remédios contra a malária, dispõem de pouca assistência oficial. No lado oposto, os governos dos países mais ricos transferem para os produtores livres de malária uma farrá de subsídios que custa mais de US\$ 1 bilhão por dia aos contribuintes. Essa transferência de recursos, de acordo com cálculos do Banco Mundial, é seis vezes maior que toda assistência financeira dada aos países em desenvolvimento.

Essa escalada de subsídios não é neutra para

(1) Publicado na edição do Washington Post de 5/11/2001

(2) Editoralista do jornal Washington Post.

os produtores agrícolas pobres. Na realidade, ela os fere profundamente. Os agricultores subsidiados produzem mais alimentos com os subsídios que sem eles, o que deprime os preços internacionais e prejudica os produtores do Terceiro Mundo. A superprodução de trigo na Europa, por exemplo, derruba os preços mundiais do trigo pela metade e elimina as perspectivas de exportação dos competidores argentinos. Enquanto isso, metade da renda dos produtores de trigo europeus vem do Estado, e a Argentina está à beira do “default” porque não consegue pagar suas dívidas devido às restrições às exportações de seus produtos como o trigo.

Os subsídios têm outros efeitos. Por encorajar uma escala maior na produção, encoraja também o uso excessivo de fertilizantes químicos, o que faz com que a agricultura contribua com um quinto dos gases poluentes, emitidos por vegetais cultivados, em uma escala global.

Enquanto isso, os países que concedem os subsídios alegam que não podem expandir o comércio agrícola com os países pobres porque “trata-se de um desrespeito vexaminoso contra o meio ambiente”.

A completa liberalização do comércio agrícola poderia incrementar a renda dos países do Terceiro Mundo em algo entre US\$ 200 e US\$ 500 bilhões ao ano, de acordo com os números do Banco Mundial. Isso seria mais que suficiente para pagar a educação primária básica nos países em desenvolvimento, que, segundo a UNICEF, custaria US\$ 9 bilhões ao ano, além de inúmeros outros projetos fundamentais para o desenvolvimento econômico e social desses países.

O problema é que os países ricos não consideram isso uma prioridade. Seus líderes derramam palavras emotivas defendendo a proteção da agricultura familiar (family farm), como se a manutenção de um símbolo da era pré-industrial justificasse a condenação de agricultores africanos a sofrerem uma genuína miséria pré-industrial.

Qual é a prioridade do mundo rico? Bem, esse mundo criou um sistema de propriedade intelectual que ameaça transferir US\$ 20 bilhões anuais (novamente de acordo com o Banco Mundial) dos países mais pobres para os que detêm as patentes nos países industrializados. A lei da propriedade intelectual é útil somente quando uma nação é bastante rica para bancar as invenções existentes e deseja dar mais incentivos para a criação de novas; isso é prejudicial a um país pobre

que deseja apenas pagar barato pelas tecnologias já existentes.

Todavia, nos acordos da Rodada Uruguai de 1994 os países ricos insistiram para que o mundo inteiro aceitasse seu padrão de proteção de patentes totalmente desapropriado. A idéia era que os países pobres podiam agir por seus próprios meios, freando a corrupção, parando de construir palácios e mesmo eliminando suas próprias barreiras alfandegárias.

É preciso entender, no entanto, que o estado de permanente disfunção em que vivem os países pobres é uma consequência da própria pobreza, e é aí onde o mundo rico tem uma desculpa menor para sua própria miopia.

Nós apoiamos nossos protecionistas às custas dos pobres do mundo e então ficamos imaginando porque a globalização e o poder americanos são tão amplamente ressentidos pelos países em desenvolvimento.

Desde o dia 11 de setembro, as pessoas estão dizendo que precisamos ganhar os corações e as mentes, especialmente das nações muçulmanas e da própria opinião pública mundial. Todavia algumas pessoas parecem não entender o que é necessário para se conseguir esse objetivo. O Congresso está preparando outra lei de ajuda externa que oferece muito menos para os pobres do mundo que para o poderoso “lobby” da agricultura americana e está resistindo aos esforços da atual administração para abrir mais o mercado para o Paquistão, um cambaleante aliado dos EUA que está perdendo milhares de empregos devido ao conflito afegão.

Existe, no entanto, uma coisa que nós talvez estejamos prestes a fazer para redirecionar as reclamações do mundo pobre. Na reunião de cúpula, que começa brevemente no Qatar, o mundo pode lançar uma nova rodada de negociações multilaterais. Os setores que mais interessam aos pobres, a agricultura e a indústria têxtil estarão na agenda, bem como alguns assuntos ligados à propriedade intelectual. Sabemos que é difícil superenfatizar a importância do sucesso dessa reunião, da mesma forma que é difícil mostrar porque muitos em Washington parecem indiferentes à sua realização e ao seu sucesso.

Traduzido por Carlos Nayro Coelho
DEPLAN/SPA